

REPORTAGEM ESPECIAL

A História dos Regionais de Choro

De Joaquim Callado aos conjuntos contemporâneos — uma jornada de mais de 150 anos pela mais importante formação instrumental da música popular brasileira. Os regionais criaram uma verdadeira **escola de interpretação**, definindo a linguagem do cavaquinho, do violão de sete cordas, do pandeiro e dos instrumentos solistas. Da flauta de Joaquim Callado em *Flor Amorosa* aos conjuntos contemporâneos espalhados pelo Brasil, a história dos regionais é também a história da construção da identidade do choro brasileiro.

Hoje, centenas de conjuntos mantêm viva essa tradição em rodas, festivais, escolas e gravações em todo o país.

O Que São os Regionais?

Os conjuntos regionais constituem uma das mais importantes formações instrumentais da música popular brasileira. Surgidos a partir das rodas de choro do século XIX, desenvolveram uma linguagem própria de acompanhamento e improvisação que influenciou profundamente a música brasileira ao longo de gerações.

Origem

Rodas de choro do século XIX — encontros informais de músicos que deram origem a uma linguagem coletiva de interpretação e improvisação, reunindo flauta, violões e cavaquinho na formação pioneira de Callado.

Linguagem

Acompanhamento e improvisação próprios — uma gramática musical que definiu o papel de cada instrumento no conjunto, criando padrões que permanecem vivos até hoje e influenciando toda a música popular brasileira.

Legado

Influência profunda na música brasileira — os regionais criaram uma verdadeira escola de interpretação, definindo a linguagem do cavaquinho, do violão de sete cordas, do pandeiro e dos instrumentos solistas que ecoa até os dias atuais.

Os regionais foram muito mais que grupos de acompanhamento. Ao longo de mais de 150 anos, tornaram-se a espinha dorsal da tradição chorística, moldando a identidade sonora do Brasil e formando gerações de músicos que mantêm viva essa herança em rodas, festivais e gravações.

Linha do Tempo dos Regionais

De 1870 aos dias atuais, a evolução dos regionais acompanhou as transformações culturais do Brasil. Cada período trouxe novas formações, novos músicos e novas possibilidades sonoras, enriquecendo continuamente o patrimônio do choro brasileiro.



Cada fase da história dos regionais representa um capítulo essencial na construção da identidade do choro — desde as rodas informais do Rio de Janeiro do século XIX até os conjuntos contemporâneos espalhados por todo o Brasil.

O Primeiro Regional: O Choro de Callado

O conjunto de Callado não possuía ainda a denominação "regional", mas estabeleceu a formação básica que seria aperfeiçoada ao longo das décadas. Reunia músicos como **Chiquinha Gonzaga** e **Viriato Figueira**. Foi também o primeiro grupo associado diretamente ao termo "choro".

Formação Instrumental

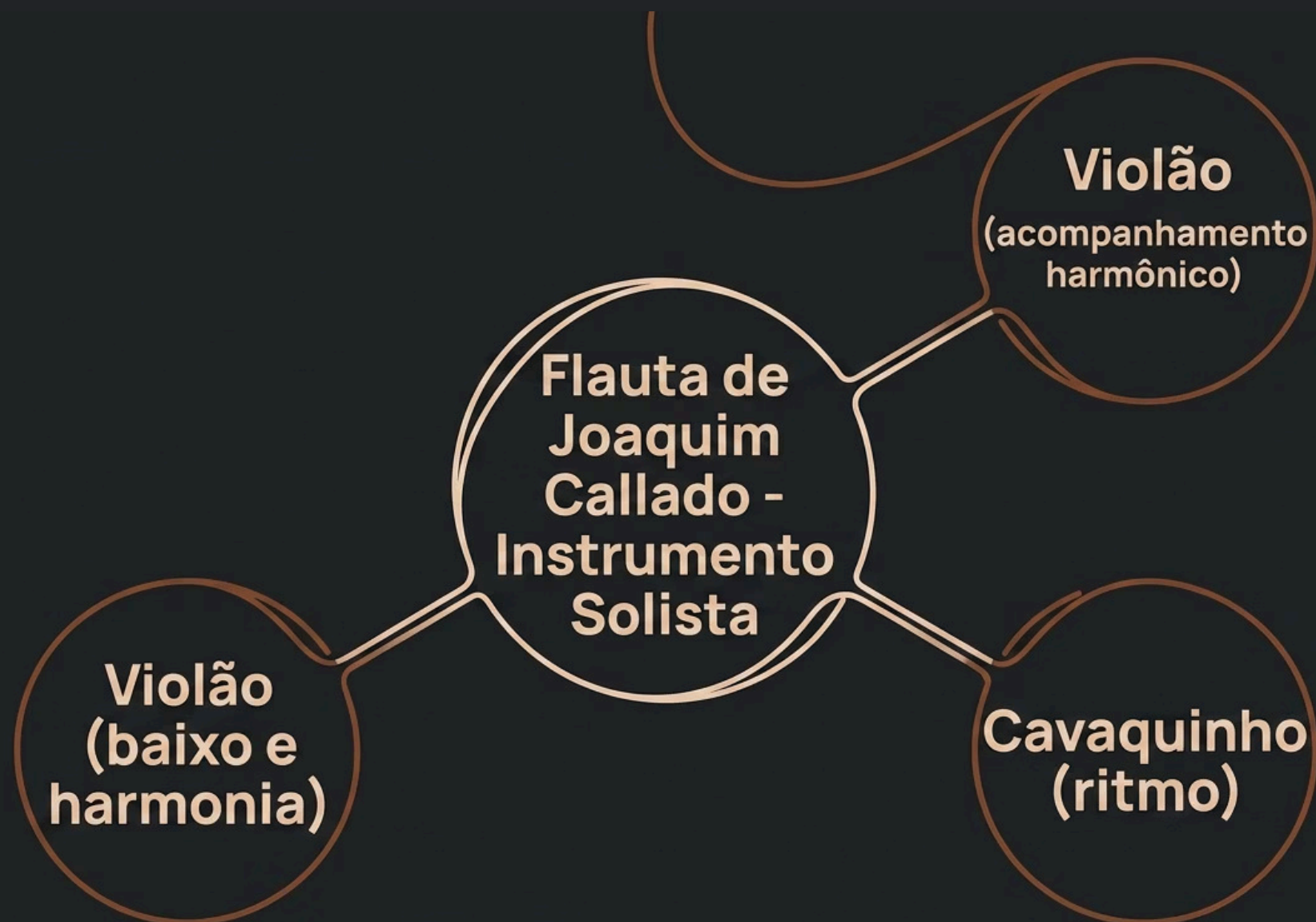
O núcleo central era a **flauta de Joaquim Callado**, rodeada por dois violões e um cavaquinho. Essa configuração simples estabeleceu as bases do acompanhamento chorístico – a melodia na flauta, o ritmo no cavaquinho e a harmonia e o baixo nos violões.

- Flauta – instrumento solista central, tocado por Callado
- Violão – acompanhamento harmônico e de baixo
- Cavaquinho – ritmo e preenchimento harmônico

Flor Amorosa — Obra Fundadora

A famosa composição **Flor Amorosa** é frequentemente apontada como uma das obras fundadoras do gênero choro. A peça consolidou a flauta como instrumento protagonista e estabeleceu a estética melódica que definiria o choro nas décadas seguintes.

- ❑ O Choro de Callado é considerado o **embrião dos regionais brasileiros** – a semente de toda uma tradição musical que se expandiria por mais de 150 anos.



1934-1950

O Regional de Benedito Lacerda

Na década de 1930 surge aquele que muitos consideram o mais influente regional da história. Fundado em **1934**, o Regional de Benedito Lacerda consolidou a formação clássica e acompanhou praticamente todos os grandes cantores da **Era do Rádio**, estabelecendo padrões de acompanhamento que permanecem vivos até hoje.

Formação do Conjunto

Instrumento	Músico
Flauta	Benedito Lacerda
Cavaquinho	Canhoto
Violão	Dino
Violão	Meira
Pandeiro	Gilson de Freitas
Saxofone	Pixinguinha

A presença de **Pixinguinha** no saxofone e de **Dino 7 Cordas** no violão conferiu ao grupo uma sofisticação ímpar, elevando o regional a um patamar artístico sem precedentes.

Legado e Influência

O Regional de Benedito Lacerda foi a referência máxima dos conjuntos de choro por quase duas décadas. Sua formação tornou-se o modelo clássico a ser seguido por todos os regionais que vieram depois — do Regional do Canhoto ao Época de Ouro.

Era do Rádio

Acompanhou os maiores cantores da rádio brasileira, definindo padrões de acompanhamento que perduram até hoje.

Formação Clássica

Consolidou o modelo de regional com flauta, cavaquinho, violões, pandeiro e sopros — a base de todos os conjuntos futuros.

O Regional do Canhoto e a Árvore de Influência

Com a dissolução do Regional de Benedito Lacerda, surgiu em **1951** o Regional do Canhoto. Foi um dos conjuntos mais gravados da história da música brasileira e acompanhou inúmeros artistas da rádio e dos discos de 78 rotações, reunindo músicos extraordinários.

Formação do Regional do Canhoto

Instrumento	Músico
Cavaquinho	Canhoto
Violão 7 cordas	Dino 7 Cordas
Violão	Meira
Flauta	Altamiro Carrilho
Pandeiro	Gilson de Freitas

A presença de **Altamiro Carrilho** na flauta e de **Dino 7 Cordas** no violão de sete cordas garantiu a continuidade da tradição inaugurada por Benedito Lacerda, mantendo viva a escola clássica do regional.

Árvore de Influência Histórica

Benedito Lacerda é o nó central da história dos regionais. De sua formação derivaram diretamente quatro grandes ramificações da tradição chorística brasileira:

- **Regional do Canhoto** (1951) – continuidade direta da formação clássica
- **Época de Ouro** – refinamento camerístico liderado por Jacob do Bandolim
- **Regionais Paulistas** – expansão do gênero para São Paulo
- **Regionais Contemporâneos** – preservação e renovação da tradição

i A linhagem remonta a **Joaquim Callado**, que influenciou Benedito Lacerda, que por sua vez influenciou todas as formações subsequentes.



O Época de Ouro

Fundado por **Jacob do Bandolim** em **1964**, o Época de Ouro elevou o regional a um nível de refinamento camerístico sem precedentes. O grupo tornou-se referência para praticamente todos os conjuntos de choro formados nas décadas seguintes, consolidando o choro como música de câmara brasileira.

Formação do Época de Ouro

Instrumento	Músico
Bandolim	Jacob do Bandolim
Violão 7 cordas	Dino
Violão	César Faria
Violão	Carlos Leite
Cavaquinho	Jonas da Silva
Pandeiro	Gilberto D'Ávila

A liderança de Jacob do Bandolim trouxe o bandolim para o centro da formação, substituindo a flauta como instrumento solista principal e conferindo ao grupo uma sonoridade única e inconfundível.

Refinamento Camerístico

O Época de Ouro representou a maturidade artística do regional. Com arranjos sofisticados e execução precisa, o grupo demonstrou que o choro podia alcançar o mesmo nível de complexidade e beleza que a música de câmara europeia.

Referência Nacional

Tornou-se o modelo de referência para todos os conjuntos de choro formados nas décadas seguintes em todo o Brasil.

Legado Vivo

O grupo permanece ativo até hoje, mantendo viva a tradição iniciada por Jacob do Bandolim em 1964.

Choro de Callado

Formação básica:
flauta, violões,
cavaquinho



Época de Ouro

Refinamento
camerístico com
bandolim solista



Benedito Lacerda

Regional clássico:
sopros e pandeiro

Da formação básica de Callado à sofisticação camerística do Época de Ouro, cada geração de regionais elevou o padrão artístico do choro brasileiro.

Expansão Nacional: Novos Polos do Choro

A partir dos anos 1970, o choro expandiu-se para além do Rio de Janeiro, criando polos regionais com características próprias em diferentes estados do Brasil. Cada região incorporou influências locais, enriquecendo o patrimônio do gênero.



Regional Atlântico (1970–1980)

Ligado à revitalização do choro e às gravações independentes do gênero em São Paulo, ajudou a manter viva a tradição dos conjuntos regionais fora do circuito comercial dominante, contribuindo para a preservação da linguagem tradicional do acompanhamento de choro.



Regionais de São Paulo

São Paulo tornou-se um dos maiores polos do choro brasileiro, consolidando uma escola própria com grande influência do samba paulista, valorização dos arranjos, intensa atividade em clubes e rodas de choro, e forte ligação com conservatórios e escolas de música.



Regional Sábado à Tarde (Brasília)

A capital federal desenvolveu uma importante cena chorística. O Regional Sábado à Tarde reuniu músicos dedicados à preservação do repertório tradicional e à formação de novos instrumentistas, destacando-se **Avena de Castro**, importante divulgador do choro na região Centro-Oeste.

POLO 1: REGIONAL ATLÂNTICO (1970-1980)



POLO 2: REGIONAIS PAULISTAS (SÉC. XX-XXI)

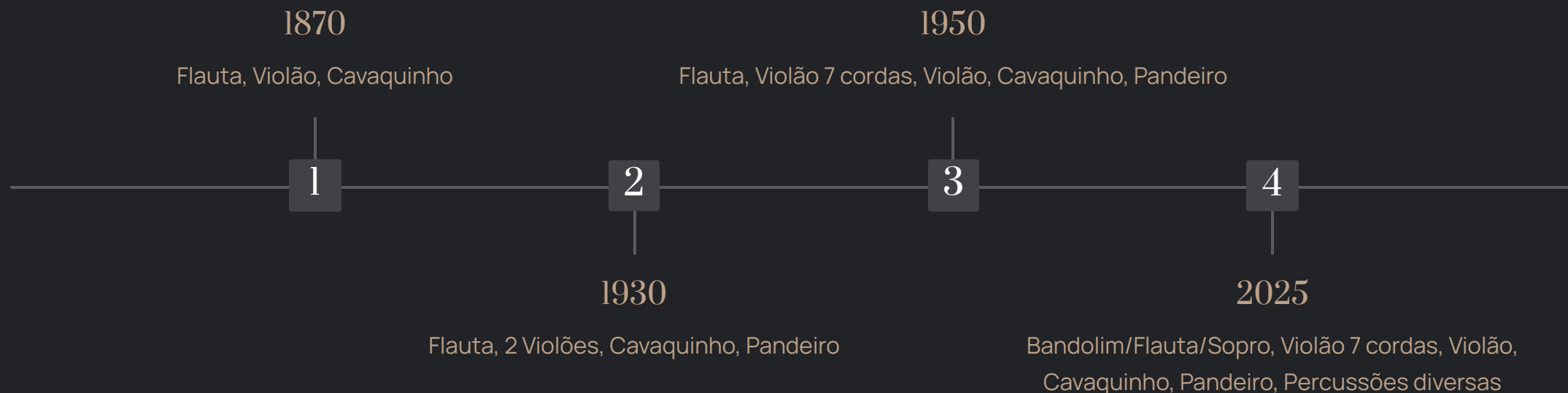


POLO 3: SÁBADO À TARDE EM BRASÍLIA (FINAL DO SÉC. XX)



Evolução dos Instrumentos nos Regionais

A formação instrumental dos regionais foi se sofisticando ao longo das décadas, incorporando novos instrumentos e expandindo possibilidades sonoras. Do conjunto básico de Callado às formações contemporâneas com percussões diversas, cada época trouxe novas vozes ao choro.



Da Simplicidade à Complexidade

O conjunto pioneiro de Callado reunia apenas flauta, violões e cavaquinho. Com o tempo, o pandeiro foi incorporado para reforçar a base rítmica, o violão de sete cordas ampliou as possibilidades harmônicas e melódicas, e os sopros — como o saxofone de Pixinguinha — trouxeram novas cores sonoras ao conjunto.

Formações Contemporâneas

Os regionais atuais incorporam bandolim, flauta, sopros variados, violão de sete cordas, cavaquinho, pandeiro e percussões diversas, criando formações mais ricas e versáteis do que nunca. Cada época trouxe novas vozes ao choro, mantendo viva a tradição enquanto expande suas possibilidades expressivas.

Os Principais Regionais e o Legado

Os regionais foram muito mais que grupos de acompanhamento. Eles criaram uma verdadeira **escola de interpretação**, definindo a linguagem do cavaquinho, do violão de sete cordas, do pandeiro e dos instrumentos solistas. Da flauta de Joaquim Callado em *Flor Amorosa* aos conjuntos contemporâneos espalhados pelo Brasil, a história dos regionais é também a história da construção da identidade do choro brasileiro.

Regional	Período	Importância
Choro de Callado	1870-1880	Formação pioneira
Regional de Benedito Lacerda	1934-1950	Consolidação do modelo clássico
Regional do Canhoto	1951-1960	Auge da era do rádio
Época de Ouro	1964-presente	Refinamento artístico
Regional Atlântico	1970-1980	Preservação da tradição
Regionais Paulistas	Séc. XX-XXI	Expansão do gênero
Regional Sábado à Tarde	Final do séc. XX	Referência em Brasília

150+

Anos de História

Da flauta de Callado em 1870 aos conjuntos contemporâneos, mais de um século e meio de tradição ininterrupta.

7

Grandes Regionais

Sete formações marcantes que definiram cada era da história do choro brasileiro.

100s

Conjuntos Ativos

Centenas de conjuntos mantêm viva a tradição em rodas, festivais, escolas e gravações por todo o Brasil.

✓ Hoje, centenas de conjuntos mantêm viva essa tradição em rodas, festivais, escolas e gravações — garantindo que o legado dos regionais continue a ecoar por gerações futuras.